



Família Dehoniana

#16^{fevereiro}2018 Newsletter de informação e de contato da Família Dehoniana em Portugal

a abertura



Caros Irmãos e Irmãs

Volto ao vosso encontro quando se aproxima o dia 14 de Março, data do nascimento do nosso venerável Pai e Fundador, o Padre Leão Dehon. Completam-se, este ano, 175 anos sobre o feliz evento, que não nos pode passar despercebido. Num dos próximos números, espero publicar um artigo alusivo adequado à efeméride. Por agora, limito-me a uma breve nota.

O dia 14 de Março será assinalado nas comunidades religiosas dehonianas, principalmente nas maiores. É o caso do Seminário Missionário Padre Dehon, onde estará o Superior Geral, P. Heiner Wilmer, que faz a visita canónica à província, e que presidirá à celebração da Eucaristia, às 12h00. É uma óptima ocasião para se reunir a Família Dehoniana da zona Norte. Quem puder participar, queira entrar em contacto com o P. António Loureiro, superior do Seminário.

Os outros membros da FD estarão atentos às iniciativas, que certamente surgirão e serão divulgadas pelas comunidades do Seminário Nossa Senhora de Fátima, de Alfragide, do Colégio Missionário Sagrado Coração, do Funchal e do Centro Missionário, de Ponta Delgada.

Na sequência da minha viagem a Moçambique, em Novembro passado, continuo a publicar um texto do P. Ézio Toller, que lá trabalha há 52 anos. A Província de Moçambique celebrou, no ano passado, 70 do seu começo, em Março de 1947. Há que dar graças a Deus pelo trabalho e, sobretudo, pelo testemunho de tantos missionários, na sua maioria italianos, mas onde também houve alguns portugueses, como os já falecidos P. Manuel de

Gouveia, P. José Alves e P. José Diomário Gonçalves. A nossa presença em Moçambique foi uma epopeia de entusiasmo, generosidade e ardor missionário, mesmo em ocasiões de grande dificuldade. Um bom grupo de missionários repousa à sombra da Cruz, no cemitério de Milevane.

Também em 2018 se completarão 50 anos sobre a data de chegada da Companhia Missionária do Coração de Jesus a Moçambique. Espero publicar alguns testemunhos e notícias nos próximos números.

Um grupo de Antigos Alunos do Seminário Padre Dehon, com alguns amigos, apoiados pela respectiva Associação, irá em Setembro próximo a Angola, onde, para além de uma experiência de vida na missão, construirão um jardim infantil. Uma boa iniciativa, que trará os seus frutos.

Estamos na Quaresma. O Padre Dehon escreve no seu livro *O Ano com o Coração de Jesus*: “Como é que hei-de fazer penitência nesta Quaresma? Cumprirei primeiro, quanto possível, os preceitos da Igreja sobre a abstinência e o jejum, depois morrerei para os meus hábitos, para a minha tibieza, para a minha lassidão, para a minha sensualidade, para o meu naturalismo. Que as cinzas sobre a minha cabeça expressem esta morte! Que eu morra pela penitência para reviver pela graça! Mas que não esqueça qual é a penitência preferida pelo Sagrado Coração de Jesus: a penitência por amor, o pesar por ter ofendido o melhor dos pais e dos amigos, o Salvador e Redentor da minha alma.” (ASC 270). Que a nossa penitência, o nosso voltar-nos para Aquele que trespassamos, também seja expressão do nosso amor ao Coração de Jesus.

P. Fernando Fonseca, scj
Coordenador Nacional

175º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DO PADRE DEHON

Em 2018, ocorre o 175º aniversário do nascimento do Padre Leão Dehon. “Nasci a 14 de Março de 1843”, escreve o Fundador, na primeira página das suas Memórias. “É a festa de S. Matilde, rainha da Alemanha.”, continua. Depois, fala do seu baptismo: “Fui baptizado a 24 de Março... Eram as primeiras vésperas da Anunciação. Mais tarde, senti-me feliz por poder unir a recordação do meu baptismo ao Ecce venio do Coração de Jesus.” Esta circunstância litúrgica oferece a Leão Dehon oportunidade para uma referência à sua vocação de Oblato do Coração de Jesus, que concretizará na fundação do seu instituto e na profissão religiosa acompanhada com o “voto de vítima”.

De facto, nas suas Memórias, o Fundador aproxima a sua consagração baptismal do Ecce venio do Verbo Incarnado e do Ecce Ancilla de Maria. Não se limita, pois, a narrar os factos da sua vida, mas deles faz uma interpretação espiritual, que lhe permite verificar a acção de Deus nele, vendo a história da sua vida, não como simples sucessão

de acontecimentos, mas como verdadeira história da salvação. Da sua salvação e da salvação da humanidade de que fazemos parte e na qual havemos de cooperar com Deus, segundo a nossa vocação pessoal.

Ao longo dos seus 82 anos neste mundo, plenos de entusiasmo e de zelo pela instauração do Reino do Coração de Jesus, Leão Dehon, que virá a falecer a 12 de Agosto de 1925, teve efectivamente um papel importante na Sociedade e na Igreja do seu tempo. Teve-o pessoalmente e continua a tê-lo por meio da Congregação que fundou e de toda a Família Dehoniana, que vê nele o seu pai e inspirador.

Agradecemos a Deus o dom do P. Leão Dehon, com as suas numerosas iniciativas sociais, culturais e pastorais, em prol de uma Igreja mais credível entre os homens e mais santa pela união à oblação reparadora de Cristo ao Pai.

P. Fernando Fonseca, SCJ



Conhecer o Padre Dehon

Através dos Escritos Espirituais

Pareceu-me interessante publicar neste número da NL a meditação que o Fundador, no seu livro O Ano com o Coração de Jesus, propõe para o dia 14 de Março, e que tem por tema A prisão: S. Pedro e os Apóstolos. Estamos na Quaresma e a maior parte das meditações propostas versam temas relativos à Paixão do Senhor. Eis o texto:

Jesus respondeu: Já vos disse que sou eu: se é a mim que procurais, deixai estes ir embora. Para cumprir a palavra que tinha ouvido ao seu Pai: Daqueles que me destes, não perdi nenhum (Jo 18,8).

Primeiro Prelúdio: Nosso Senhor entrega-se a si mesmo, mas protege os apóstolos, defende-os.

Segundo Prelúdio: Senhor, a vossa bondade pelos apóstolos não se desmente nem um instante. É o vosso Coração que manifesta sem cessar a sua caridade.

PRIMEIRO PONTO: S. Pedro. – Ele amou muito Jesus, mas com os defeitos do seu carácter, impulsivo e inconstante. A sua dedicação e o seu amor por Nosso Senhor manifestam-se vivamente quando vê os soldados romanos e os judeus lançarem a mão sobre Ele. Tem uma espada, serve-se dela. Atinge a cabeça do pobre Malco e corta-lhe uma orelha.

Nosso Senhor permitiu isto. Aproveitou a ocasião para nos dizer que aqueles meios não são os seus. Se Ele quisesse estabelecer o seu reino pela força, não teria necessidade de nós. Os seus anjos teriam imediatamente dado cabo dos recalcitrantes. Mas o seu é o reino do amor. É pela paciência, pela caridade, pela doçura que devemos ganhar as almas.

Não devemos ser revolucionários. Devemos respeitar a autoridade e obedecer desde que não nos peça actos injustos. “Volta a colocar a tua espada na bainha”,- diz Nosso Senhor a S. Pedro. “Quem pegar nas armas perecerá pelas armas”. O ardor de S. Pedro deveria ser, aliás, bem efémero.

Ele acabará por fugir com os outros. Voltará, mas para renegar o seu bom Mestre. Amemos Jesus vivamente, mas fortemente. Esqueçamo-nos de nós mesmos. Sustentemos o seu amor pela recordação das bondades do seu Coração, dos seus sofrimentos, dos seus benefícios. Alimentemos este amor nos nossos corações com actos, com sacrifícios.

SEGUNDO PONTO: *Jesus e os seus discípulos.* – Como Nosso Senhor é belo em toda esta cena! Proclama que o seu reino é um reino de amor. «Devemos atacar?», perguntam os discípulos. «Não, diz-lhes, ficai quietos», e curou Malco.

É rezando, sofrendo, espalhando benefícios que a Igreja há-de estabelecer-se e dilatar-se. Nós ainda esquecemos isto muitas vezes. Estamos longe da caridade que Nosso Senhor espera de nós e que triunfaria sobre todos os obstáculos. Obediência e abandono à vontade de Deus. “Não é necessário que Eu beba o cálice que o meu Pai me preparou?”. Ele quer beber este cálice porque o Pai o quer, mas deseja-o também porque é a nossa salvação. Os missionários que amam a cruz são esses que ganham as almas. Ele abandona-se inteiramente à vontade do seu Pai. Podia tentar a luta armada, como os Macabeus. Podia também chamar legiões de anjos em seu socorro. Mas nada quer a não ser a vontade do seu Pai. Deixa o Pai conduzir os acontecimentos para o cumprimento das profecias. E se o Pai lhe apresenta um cálice amargo, aceita-o, ama-o, porque vê nisso a vontade do seu Pai, a reparação para com o seu Pai, a salvação e a redenção das almas.



Num momento tão grave para Ele, está ainda todo ocupado em formar os seus apóstolos, instruí-los, dar-lhes o exemplo. Ama-os tanto! É-lhes tão dedicado! Onde está a minha confiança em Deus e o meu abandono na Providência? Os acontecimentos perturbam-me. Penso sem cessar nos meios humanos. Esqueço que a oração e o sacrifício são os grandes instrumentos da salvação, e que nada acontece senão o que foi previsto e permitido por Deus.

Nosso Senhor ensina-nos ainda então a retribuir o bem pelo mal. Cura este juiz grosseiro que vinha prendê-lo. O Coração de Jesus é toda caridade. E o meu?

TERCEIRO PONTO: *Contraste*. – Quanto mais Jesus é bom pelos seus discípulos, tanto mais eles são ingratos para com Ele. Pensa mais neles do que em si mesmo. Os soldados romanos, que não O conheciam, teriam podido atacar os seus apóstolos. Mas Ele avança para a primeira fila e diz-lhes: «Quem procurais? – Sou Eu». E repete: «Sou Eu, volto a dizer-vos; se é a mim que procurais, prendei-me, mas deixai estes ir em paz».

Os apóstolos tinham tido um momento de coragem. Queriam imitar S. Pedro e disseram: «Mestre,

devemos atacar?». Fogo de palha. Um momento depois, fugiram todos. Apenas S. João O seguiu de longe. Todos teriam podido fazer como S. João. Não havia muito tempo que Tomé dissera aos outros: «Vamos para a Judeia com Ele e morreremos por Ele». Todos estes belos juramentos foram esquecidos. Que contraste! Do lado de Jesus, não há senão fidelidade, amor, dedicação; do lado dos apóstolos, há certamente um movimento de boa vontade, mas é logo seguido pela inconstância, pelo medo, pelo amor-próprio, pela ingratidão. Ainda não tinham recebido a força e o amor do Espírito Santo.

Eu, eu recebi todas as graças possíveis e não sou menos mole e ingrato. É que não cultivo estas graças, não aproveito delas, volto a cair sempre na vida natural e mole.

***Resolução*.** – Jesus é caridade. Quando é que hei-de compreender isto? Quando é que vou responder às suas iniciativas a meu respeito? Ó Jesus, toma o meu pobre coração e aquecei-o no vosso. A caridade deve ser alimentada. É preciso que eu viva na vossa presença, em união com o vosso Coração e na meditação dos vossos mistérios.

Colóquio com Jesus no Getsêmani.

Através das Obras Sociais

Ninguém nos ultrapasse no amor ao povo



O movimento democrático foi determinado pela ascensão natural das classes inferiores que querem ter a sua parte no poder político e económico, e pelos abusos frequentes das autoridades diversas: monarquias, aristocracias, patronato. O futuro da democracia é incerto. O seu reino virá connosco ou contra nós. Se quisermos portanto que Cristo reine, é preciso que ninguém nos ultrapasse no amor ao povo. Deveremos ficar admirados se houver alguma hesitação entre os católicos? O centenário do batismo do povo franco recorda-nos uma situação análoga.

Ligar-se ao que vive e cresce

No século V, os Francos progrediam. Os bispos mais clarividentes, Remígio, Avito, Waast, os bispos de Langres, de Rodez e de Tours torciam pelo triunfo de Clóvis. Outros preferiam as velhas instituições romanas. O papa de então, Santo Anastácio,

tomou o partido dos bárbaros. Ele escreveu a Clóvis: «A nossa barquinha é batida pelas vagas espumantes que ameaçam tragá-la; mas, graças a vós, queremos esperar contra a própria esperança e bendizemos ao Senhor de ter deparado à sua Igreja um auxiliar tão poderoso». O papa tinha compreendido que era preciso ligar-se ao que vive e cresce e não ao que deperece e se estingue.

Ir ao povo

Por conseguinte Leão XIII diz-nos para irmos ao povo, porque o povo tomou consciência da sua força e tem o futuro para si. O papa é a sentinela de Israel que vela sobre Jerusalém, e vê de onde vem o inimigo e de onde vem o socorro: não o escutar seria uma loucura, segui-lo, é a salvação.

(RSO, Segunda Conferência Romana, nn. 86-88 - 28.01.1897)

Através dos escritos de viagens

COIMBRA - Parte II

Passemos agora a ponte sobre o Mondego, de onde usufruímos de uma bela vista sobre a cidade e sobre o vale. Duas memórias diferentes pedem a nossa atenção, a de Inês de Castro e a da grande Santa Isabel. Começemos por Inês de Castro. Terminaremos em Santa Isabel, para ficarmos no bom caminho.

Na margem esquerda, a minutos da ponte, está a Quinta das Lágrimas. Foi aí que ficou Inês de Castro, quando caiu apunhalada pelos seus assassinos, a 7 de Janeiro de 1355. A quinta é bela porque tem uma fonte clássica, chamada Fonte dos Amores. Há belos versos de Camões, no terceiro livro dos Lusíadas, que tornaram popular a memória de Inês de Castro e da Quinta das Lágrimas.

Inês de Castro, filha do conde Pedro de Castro, primo do rei de Castela, viera à corte de Portugal com a jovem duquesa Constança de Penafiel, que tinha desposado o Infante D. Pedro, herdeiro do trono. Inês era dama de honor da princesa. A sua beleza seduziu o jovem príncipe que dela teve

numerosos filhos. Alguns anos depois, a princesa Constança morreu e o príncipe reparou as suas fraquezas desposando Inês secretamente. Os nobres portugueses temiam a influência da bela espanhola e dos seus parentes da corte de Castela sobre o espírito do príncipe. Persuadiram o rei, o fraco Afonso IV, a consentir na morte de Inês. O rei deslocou-se pessoalmente do castelo de Montemor o Velho a Coimbra para anunciar a Inês a sorte que a esperava. Inês, rodeada pelos filhos, quebrou a decisão do rei com os seus pedidos, mas foi na mesma assassinada pelos cortesãos. Quando D. Pedro soube desta morte, revoltou-se contra o pai e só se reconciliou, com grande dificuldade, e por intervenção do arcebispo de Braga. À morte do rei, em 1367, assinou um tratado com o rei de Castela, que lhe reenviou os assassinos refugiados em Espanha. Submeteu dois, Álvaro Gonçalves e Pero Coelho, a cruéis suplícios, em Santarém; o terceiro, Lopes Pacheco, estava em fuga. Depois confirmou com juramento, diante

1900—PORTUGAL—COIMBRA—Palacio da Quinta das Lagrimas





de uma assembleia nacional, em Cantanhede, a legitimidade do seu casamento com Inês, e fê-la exumar. A defunta, sentada num trono e com a coroa na cabeça, recebeu a homenagem real do beija-mão. Camões alude ao facto com estas palavras: “depois de morta foi Rainha”; O corpo da princesa foi colocado numa liteira e transportado, à luz de tochas, pelos nobres do reino para Alcobaça onde vimos o seu túmulo. As almas sensíveis vão lá em peregrinação. Eu gosto mais de ir ao túmulo da rainha Santa Isabel.

Aquela que chamamos Santa Isabel de Portugal é conhecida em Coimbra como a Rainha Santa Isabel. Seria preciso contar aqui toda a vida desta admirável amiga dos pobres, mas as nossas páginas já são muitas e longas.

Depois da morte do seu marido, vivia junto ao velho convento de Santa Clara, nas margens do Mondego. O velho convento está hoje vergonhosamente abandonado, meio-arruinado e cheio de areia por causa dos aluviões do rio. A Porta das Rosas, onde aconteceu o milagre tradicional da mudança das moedas em rosas, também não é honrada. É preciso descer por uma senda infecta para nos aproximarmos dela.

O novo convento, construído no alto da colina sucedeu ao antigo. O corpo da santa rainha repousa lá num relicário de prata, sobre um belo mausoléu ogival.

A jovem rainha Maria Amélia teve pena deste grande convento abandonado, onde repousa a gloriosa princesa, chamando para aí as Irmãs de

São José de Cluny, para formarem uma corte para a Santa Rainha. Essas boas Irmãs ocupam uma parte do grande convento e fazem aí algumas obras. Elas falaram da confiança um pouco supersticiosa da gente do povo para com a Santa Rainha. Este bravo povo traz à Santa Rainha a oferta de uma galinha branca, quando precisa de uma graça. Dão a galinha às boas Irmãs que a aceitam como esmola para alimentar os seus idosos e as suas órfãs.

Esperemos que a rainha Maria Amélia proteja, contra a franco-maçonaria reinante, esta comunidade que ela mandou vir.

É preciso assinalar o tesouro desta igreja. Vemos aí ornamentos e vasos sagrados que remontam ao século XIII. Algumas terracotas lembram as de Della Robbia. A estátua da querida santa tem mantos sobressalentes que são todos bordados a ouro e pedrarias.

Voltei na manhã seguinte lá acima para celebrar a missa no altar da Santa Rainha.

Depois partimos, admirando mais uma vez, na estação, alguns lindos trajes dos camponeses, e as juntas de bois com grandes jugos delicadamente esculpidos e ornados com a cruz.

Fomos directamente para o Porto sem medo da peste que aí reinara recentemente. As quarentenas tinham sido levantadas. Chegámos à tarde e descemos por engano numa estação dos arredores. Depois de algum embaraço e fadiga, encontramos boa hospitalidade no hotel Paris cujos donos são franceses (ADP, 514-519).

70 ANOS DE PRESENÇA DEHONIANA EM MOÇAMBIQUE

O P. Ezio Toller, depois de apresentar uma síntese histórica sobre os 70 anos da presença dehoniana em Moçambique, resumida no número anterior da NL, faz uma reflexão sobre essa presença, acentuando alguns momentos particulares da mesma. Apresentamos o texto do Padre Toller com alguns ligeiros retoques, agradecendo tê-lo disponibilizado para publicação na NL da Família Dehoniana em Portugal.

Como vimos, os primeiros 15 anos da nossa presença missionária foram dedicados, de maneira particular, à fundação das missões, com os consequentes trabalhos de construções: casa para padres e irmãs, internatos (lares) para rapazes e raparigas, grandes igrejas, capelas, escolas e centros sanitários. Houve grande atividade no cultivo das machambas, criação de gado e até no campo comercial (lojas). Tudo isto se destinava a enfrentar, pelo menos em parte, as despesas das construções e, sobretudo, para sustentar os internatos.

Mas, a preocupação maior foi sempre a evangelização: preparação dos catequistas, organização da catequese, celebração dos sacramentos, fundação das “capelas”, seguindo os primeiros catecúmenos e cristãos, abrangendo, pouco a pouco, toda a área da Missão.

Os Centros das Missões, em geral, eram construídos longe dos Centros Administrativos, para não criar confusão entre a finalidade política e a religiosa, reservando a cada realidade a sua própria autonomia. Grande trabalho foi dedicado à Alfabetização, criando escolas por todo o lado e preparando professores. De facto, no tempo colonial havia escolas só nos centros administrativos e, em geral, reservados aos filhos dos colonos ou mulatos; só uma pequeníssima minoria era



constituída para os chamados “indígenas”. Os missionários, portanto, contribuíram imenso para a alfabetização das populações, dando assim a possibilidade de preparar os futuros dirigentes de Moçambique.

Entre os anos 1960-1970, é celebrado o Concílio Vaticano II... O influxo do Concílio veio criar um dinamismo especial no âmbito da Igreja Local, nas suas várias ramificações, como as pequenas comunidades cristãs. Antes de tudo: decidiu-se separar totalmente as escolas das capelas. Ao mesmo tempo, segundo as possibilidades, foram diferenciadas, também no âmbito prático, as figuras dos Catequistas e dos Professores. Se, até então, o Catequista era o único responsável da comunidade, quer na programação, quer na execução, ao longo do tempo as comunidades escolheram os Anciãos para ajudar o catequista. Mais tarde, aos poucos, criou-se um conjunto, bastante variado, de Ministérios, cada um com os seus respetivos animadores. O Catequista veio a tornar-se um dos tantos ministérios da comunidade, mesmo se de grande importância. Sendo assim, a comunidade tornou-se cada vez mais dinâmica, mais responsabilizada, mais criativa, procurando também uma integração mais responsável nos vários problemas práticos, sem exigir a contínua presença do missionário. Sente-se, ainda mais, a necessidade de um maior aprofundamento do caminho cristão e, por isso, organiza-se um catecumenato mais prolongado, mais estruturado e mais acompanhado.

Aos poucos, passou-se para uma evangelização que tinha em conta os seguintes pontos: A Igreja, como povo de Deus e comunidade de salvação; o sentido de Igreja Local, como porção do povo de Deus; o valor da Palavra de Deus, como Revelação de Deus ao homem de hoje; o valor da corresponsabilidade nos serviços, como dever e empenho baptismal; acompanhamento da realidade social e política. Sendo assim, a comunidade devia tornar-se; Responsável, lugar de diálogo, de crescimento humano e cristão; Autónoma, providenciando às próprias necessidades, suscitando, no seu seio, os ministérios da Palavra, da Eucaristia, da Caridade, do Serviço, etc...; Aberta, aceitando o diálogo com a comunidade humana e cooperando no campo social e político; Missionária, testemunhando a própria fé.

Os missionários, sob o dinamismo conciliar, acompanham e incrementam este impulso eclesial, favorecendo assim uma vivência mais aprofundada e responsável da realidade cristã. Ao mesmo tempo, não deixam a atividade da consolidação das estruturas missionárias: casas, igrejas, capelas, catequistado, seminário, escolas, internatos, centros de saúde e outras obras, tipicamente sociais, como: Escola Profissional da Sagrada Família de Quelimane e a Escola de Artes e Ofícios do Guruè. Evidentemente, não esquecem a sua atividade principal: as visitas às comunidades cristãs para a animação, a formação e as celebrações.





Nesta época, estamos também numa fase particularmente alarmante no campo sociopolítico. A maioria das Colónias Africanas atinge a sua independência, começando assim um caminho de entusiasmo, de consciência da própria realidade humana, social e de responsabilidade na construção do próprio futuro, como povo, embora com os riscos e limites. Moçambique estava dominado pelo Colonialismo Português, que recusava qualquer ideia de independência. Diante das novidades de outras colónias, e temendo possíveis reacções internas, o Governo português cria um clima de suspeitas e uma situação de restrições para qualquer expressão de liberdade. Os missionários, não portugueses, são vistos como possíveis fautores, no meio do povo, das ideias independentistas e, por isso, são continuamente vigiados; alguns foram presos e ameaçados de expulsão.

Em 1964, começa a guerra de libertação do colonialismo em Moçambique. O seu objectivo era uma possível independência. Nesse contexto político, e perante muitos casos de opressão e mesmo de extermínio de muita gente, em 1971, em Tete e na Beira, os Missionários de África (Padres Brancos), depois de uma reflexão em comum, decidem retirar-se gradualmente, como protesto

contra toda esta situação de injustiça do Governo Colonial, dando assim ocasião a uma tomada de consciência de toda Igreja e especialmente dos Bispos, que eram todos portugueses. A decisão dos “Padres Brancos” criou uma reacção imediata nas autoridades políticas coloniais, que, em 24 horas, expulsaram todo o grupo dos padres e irmãos desta Congregação.

Este acontecimento chocante levou outros grupos de missionários a reflectir sobre a conveniência de permanecerem ou também se retiraram de Moçambique. De facto, a decisão dos Padres Brancos de abandonarem o país, como protesto contra as injustiças e a falta de respeito pelos Direitos Humanos, suscitou em todos os missionários uma tomada de consciência que os leu a interrogarem-se de interrogação: ficar em Moçambique, aceitando o sistema político e administrativo, ou abandonar tudo, “sacudindo o pó das sandálias”? Nós Dehonianos, reunidos em Assembleia em Milevane, com o Padre Geral (P. Bourgeois), partilhámos a reflexão num ambiente bastante animado e, ao mesmo tempo, com uma visão ampla. Afirmámos que a decisão dos Padres Brancos foi uma escolha corajosa, mas nós decidíamos continuar em Moçambique, não para favorecer o governo colonial, mas para

permanecer junto do povo, partilhando a sua vida e defendendo os seus direitos humanos e religiosos.

Com o tempo, as tensões entre as autoridades políticas coloniais e alguns responsáveis religiosos, aumentaram cada vez mais. Vários missionários foram detidos. Nos primeiros meses do ano 1974, o Bispo de Nampula Dom Manuel Vieira Pinto e os Padres Combonianos, assinaram um documento forte contra as injustiças do governo colonial e, assim, foram expulsos. Também nós Padres Dehonianos, apoiámos esta movimentação de Nampula.

A 25 de Abril de 1974 acontece em Portugal o Golpe de Estado que põe fim ao sistema colonial e abre as portas à liberdade e à democracia. Este evento marca o início da nova história de Moçambique. Depois de um ano de “transição”, para preparar os requisitos necessários à nova realidade, a 25 de Junho 1975, é proclamada a Independência de Moçambique, com imenso entusiasmo do povo. Durante este tempo, marcado por fortes tensões, os missionários continuaram, com grande impulso: a sua atividade pastoral, (acompanhando as comunidades cristãs, a formação dos encarregados dos vários ministérios e a formação

nos seminários, repletos de jovens); a atividade social (denunciando as injustiças e defendendo os Direitos Humanos); preparando jovens nos vários setores de atividade: na Escola de Artes e Ofícios; na presença ativa e concreta no campo da saúde, com médicos e enfermeiros (P. Marchesini, P. Pedro De Franceschi, Ir. José Meoni e Ir. Gabriel Pregonella).

O grande acontecimento de 25 de Junho de 1975, abriu esperanças e sonhos para todo o povo e também para os missionários, que tanto trabalharam para que este povo assumisse com responsabilidade o próprio caminho humano, social e religioso. Os horizontes estavam abertos para um futuro grande e luminoso, embora com as incógnitas de possíveis dificuldades. Mas, a 24 de Julho de 1975, é feita a solene declaração da Nacionalização das escolas, hospitais, agências fúnebres e jurisprudência. É o primeiro golpe no andamento daquilo que parecia normal. Com esta iniciativa, o Governo revelou a ideologia e o sistema político dos novos dirigentes. Inicia-se um sistema repressivo em todos os campos, que se vai tornando cada vez mais forte.

As Missões perderam as escolas e os hospitais e, portanto, o seu influxo e contacto direto com o pessoal destas obras. A sua atividade ficou reduzida



ao sector religioso. Mas também no campo religioso surgiram logo grandes dificuldades, devido à ideologia marxista e ateia dos políticos, que, sob o influxo da Rússia, Alemanha Oriental, China e Cuba, a queriam estabelecer no país, impedindo e contrariando qualquer sentimento e prática religiosa. Os missionários foram obrigados a abandonar a suas residências para as entregar aos novos diretores das escolas; assim também, o Seminário de Milevane, a Escola de Artes e Ofícios, os Colégios das irmãs, as Escolas de Professores e Professoras; as igrejas foram fechadas e usadas como salas de reuniões e de teatro. As deslocamentos dos missionários, nas visitas às comunidades cristãs, deviam ser autorizadas pelo Partido, com as “Guias de Marcha”. Com tudo isto, parecia ter chegado, mais uma vez, o momento de “sacudir o pó das sandálias” e ir-se embora; os missionários, no meio de todas estas dificuldades, com muita humildade, mais uma vez aceitaram permanecer ao lado do povo para enfrentar os novos tempos, sempre no espírito evangélico e defendendo os valores humanos e religiosos. Nós, Dehonianos, enfrentámos a nova situação, procurando incentivar várias reuniões gerais para, juntos, refletir, dialogar e unidos continuar a nossa presença pastoral. Promovemos também reuniões com outras congregações, para assim partilhar, com uma visão mais ampla, os vários problemas. A nova situação política deu oportunidade a mudanças a nível da Hierarquia da Igreja: quase todos os Bispos portugueses se retiraram se do substituídos por Bispos Moçambicanos. Um ano, após a independência, recomeça a formação de alguns jovens para o sacerdócio, mas em residências particulares, uma vez que os seminários estavam nacionalizados.

A movimentação política, guiada por uma ideologia autoritária, sem o mínimo espaço de liberdade, cria uma situação de resistência que eclode numa guerra que, pouco a pouco, alastra por todo o Moçambique. Na Zambézia teve o seu início em Agosto de 1982. Com este acontecimento, os problemas aumentaram cada vez mais, seja para o povo em geral, seja para os missionários. Estes, conforme as situações concretas, são obrigados a retirar-se para lugares mais seguros, criando assim vazios, também por causa das dificuldades de deslocação. Havia ataques e minas espalhadas por



muitos lugares. Apesar destes limites, partilham e acompanham a vida difícil do povo, infundindo sempre confiança em Deus que é Pai... O Povo compreende esta presença amorosa e corajosa dos missionários.

Vários dos nossos padres dehonianos tiveram que enfrentar momentos verdadeiramente difíceis e perigosos; ataques à mão armada no caminho e assaltos às residências. Alguns foram presos e deportados para as várias bases do mato (P. Onorino “Txontxo”, P. Vitorino, P. Toller, P. João Bonalumi).

Dada esta situação, quase geral, tornou-se difícil o acompanhamento das comunidades cristãs. Contudo, elas continuaram o seu caminho de fé, animadas pelos vários animadores dos ministérios, que tinham sido bem preparados nos anos anteriores, com muitos encontros de formação, para criar o sentido e a realidade da “Comunidade-Família”. Nesse tempo tão difícil, foi possível dar começo à formação de alguns jovens que aspiravam à vida religiosa dehoniana e



ao sacerdócio. Assim, no ano 1985 abriu-se a casa de Maputo para esta finalidade e, no ano 1988, a casa de Sococo (Quelimane).

Desde Janeiro do ano de 1988, a expósito pedido do Bispo de Quelimane (D. Bernardo), os padres Dehonianos, tomaram a direção, até 30 de Junho de 2000, do Seminário Diocesano de S. Agostinho. Esta colaboração dos Dehonianos com as Dioceses, no campo da formação, já tinha começado em 1976, com o P. Tomé Makhweliha na direção do Seminário Maior de Maputo e continuada, em 1992, com a direcção do Seminário Médio de Cristo Rei, na Matola. Portanto, a nossa presença dehoniana foi bastante marcada nos campos da formação religiosa e sacerdotal, não só a nível da Congregação, mas também com espírito aberto de colaboração com as Dioceses.

Outro grande serviço realizado durante os primeiros anos da independência, em colaboração com os Padres Capuchinhos, foi o de dar às comunidades cristãs os subsídios essenciais para a catequese e para as celebrações. A este respeito, é preciso lembrar: “História de libertação e amor”- a tradução do Novo Testamento e do Missal Dominical - o livro “Oração em Família”. E

outros subsídios, como: Viver em Comunidade - o Livro dos jovens - os Direitos Humanos, etc. Todos estes textos foram traduzidos e publicados na língua elomwe. Todo este trabalho lembra, mais uma vez, a grande colaboração, por vários anos, dos Dehonianos com a Equipa Pastoral da Diocese de Quelimane, junto com os Padres Capuchinhos e também com a Diocese do Gurué, após a sua criação.

Podemos concluir que, apesar de todas as dificuldades dos movimentos políticos e de guerras, a presença missionária dehoniana nunca esteve parada, mas foi sempre vital e dinâmica, seja no campo geral da pastoral, como no social e nos setores da formação religiosa e sacerdotal, assim também na preparação de livros catequéticos e litúrgicos.

A 4 de Outubro de 1992 foi assinado o “Acordo de Paz” entre a Frelimo e a Renamo. Foi o resultado positivo das aspirações do povo, das intensas orações das comunidades cristãs e do esforço de tantas pessoas de boa vontade que, dentro e fora de Moçambique, se sacrificaram para que a paz voltasse a Moçambique. Assim, começou o tempo da reorganização do Povo e da reestruturação das



várias obras. Aos poucos, os missionários voltam às missões de onde se tinham retirado. Nem sempre regressaram à antiga sede, porque várias delas estavam em completa ruína. Com grande alegria demos conta de que, nos longos anos de guerra e de separação dos missionários, as comunidades tinham aumentado em número; a organização das comunidades ministeriais, os livros que deixámos e o desejo de conservar a unidade entre todos, foram as forças que garantiram e fortaleceram a vida cristã. Toucou-se com mão que, quem edifica a Igreja, é somente Deus e o seu Espírito.

Neste contexto de paz, retomaram-se as visitas normais às comunidades cristãs. Grande foi a alegria dos encontros, depois de tantos anos de separação. Incentivou-se o espírito de reconciliação entre as várias partes em luta, procurando esquecer, por quanto possível, fatos de violências, de mortes e de destruição. Pode-se dizer que, em momento tão delicado, não houve vinganças. Viu-se também a necessidade de retomar o trabalho de formação dos vários

animadores dos ministérios, para animar e acompanhar mais as comunidades cristãs.

A 6 de Dezembro de 1993, foi criada a Diocese do Gurué, e nomeado o seu primeiro bispo, D. Manuel Chuanguira Machado. Esta nova Diocese abrangeu todo o território das missões dehonianas. Em certo sentido, foi reconhecido o grande trabalho pastoral realizado pelos Missionários Dehonianos, nos anos anteriores. Em Fevereiro de 1994, iniciou-se a nova comunidade de formação dos nossos jovens religiosos dehonianos, na Matola (Maputo).

A 2 de Junho de 1996, são ordenados os primeiros Sacerdotes Diocesanos da Diocese do Gurué, fruto, em grande parte, do grande trabalho de formação, enfrentado pelos Missionários Dehonianos. Nos anos seguintes, o número dos padres diocesanos foi aumentando, e sentiu-se a necessidade de nós Dehonianos deixarmos, aos poucos, a nossa presença nas Missões, para as confiar às respectivas Dioceses, e serem assistidas pelos Padres Diocesanos. Foi o caso das missões

de Invinha, Molumbo, Namarroi, Ile, Mulevala, Mualama, Pebane, Naburi. Gilé e Muiane forem entregues aos Padres Claretianos. As Paróquias do Gurué, da Sagrada Família de Quelimane e, anteriormente, as Paróquias de N. Senhora das Vitórias de Maputo e de Infulene no Maputo foram entregues às respectivas dioceses. O mesmo aconteceu com os Seminários de Cristo Rei, na Matola, e de S. Agostinho, em Quelimane. Tudo isto é um sinal de crescimento e, portanto, de alegria e de agradecimento ao Senhor. Os Padres Dehonianos sentem-se felizes por terem dado a sua colaboração durante quase cinquenta anos, para que tudo isso pudesse acontecer.

Atualmente, os Dehonianos presentes em Moçambique, são 38. Deles: 17 são moçambicanos (1 Bispo e 16 Sacerdotes) e 10 italianos (1 Bispo e 9 Sacerdotes). Há também 1 Irmão (italiano) e 10 religiosos moçambicanos juniores, estudantes de Teologia. Os nossos seminaristas são: 13 no curso de Filosofia e 27 no Seminário Propedêutico.

Tendo em conta estes eventos, os Dehonianos estão ainda muito empenhados na pastoral direta nas Missões (agora chamadas Paróquias) de Alto Molócue (na Pista Velha), de Nauela, de S. Pedro, em Nampula, do Bom Pastor, em Maputo, de S. Carlos Luanga, no Gurué; na atividade da formação dos próprios candidatos, nas casas de

Sococo (Quelimane) e de Matola (Maputo). No campo Social, com a direção da Escola Básica Industrial e da Escola de Agricultura no Gurué e no Centro Juvenil de Molócue; na Saúde, com o médico-cirurgião, o Pe. Aldo Marchesini.

Toda esta presença Dehoniana em Moçambique, a partir de 1947, foi sempre levada por diante, graças ao carisma que nos deixou o Padre Leão Dehon: o amor, a oblação, a reparação em todos os campos de presença e de atividades. Foi o espírito e a atitude interior que nos ajudaram a viver o quotidiano e, sobretudo, as situações de grandes sacrifícios. Reconhecemos também que se podia ter feito muito mais e melhor, mas fomos e somos sempre pessoas limitadas.

O Pe. Dehon escrevia um dia aos seus missionários: “Quero deixar uma particular ânimo aos meus queridos missionários. Eles vão para longe trabalhar na construção do Reino do Sagrado Coração de Jesus, no meio de grandes sacrifícios e de grandes fadigas. A sua vida é uma vida de imolação e de reparação. Sejam generosos até ao último. O seu desejo, seja de morrer em missão, para que o sacrifício seja completo e sem reservas. Tenham, em tudo, uma intenção pura e com vistas sobrenaturais”.

Pe. Ezio Toller





ANTIGOS ALUNOS COLABORAM NA MISSÃO DE ANGOLA

Um grupo formado por antigos alunos do Seminário Padre Dehon, com alguns amigos, e apoiados pela respectiva Associação, deslocam-se a Angola no próximo mês de Setembro. Para além da experiência de missão, sempre útil para quem a faz, move-os o objectivo de construir um jardim infantil em Luau, diocese de Lwena.

A Associação dos Antigos Alunos está a preparar a acção. Nesse sentido, organizou um jantar com fados, no passado dia 20 de Janeiro, no Seminário. Participaram 160 pessoas que, desse modo, contribuíram para as despesas das viagens e das actividades a desenvolver.

Trata-se de uma interessante iniciativa, que, queira Deus, irá incentivar outros a fazê-la. Parabéns aos que irão a Angola e à Associação dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon, que os apoia.

ENCONTRO DA FAMÍLIA DEHONIANA EM ESPANHA

Nos dias 24 e 25 de Fevereiro de 2018, a Família Dehoniana em Espanha organiza um encontro para o qual convidou representantes da Família Dehoniana em Portugal. Entre os objectivos do encontro está o conhecimento da realidade da Família Dehoniana em Espanha e a reflexão sobre a Missão partilhada. Haverá conferências e trabalhos de grupo. Estarão presentes o P. Fernando Fonseca, os Diáconos Nuno Pacheco e Andrés Rafael, a Emília Meireles, do Secretariado Nacional, a Albertina Ribeiro, dos Grupos Missionários, o Marco Costa, antigo noviço, e o Manuel Freitas, da Associação dos Antigos Alunos do Seminário Missionário Padre Dehon. O Seminário, por sua vez, empresta uma carrinha para a deslocação do grupo de Portugal.

Jesus quer corações generosos: a magnanimidade no sacrifício e no amor. Nada é pequeno no sacrifício. Não recusemos nada a Nosso Senhor, dilatemos os nossos corações, nunca serão demasiado grandes para Ele.

Padre Leão Dehon